

**INTERCULTURALIDADE NAS AULAS DE PORTUGUÊS
PARA MIGRANTES INTERNACIONAIS**

Giovana Rosa Martins (UEMS)

gimartins_1@hotmail.com

João Fabio Sanches Silva (UEMS)

joaofabio@uems.br

RESUMO

Pesquisas contemporâneas relacionadas à aprendizagem de línguas defendem uma visão de linguagem carregada de valores culturais. Por esse motivo, várias pesquisas que elencam questões interculturais foram desenvolvidas (BARBOSA 2009; 2015; KRAMSCH, 2009; MENDES, 2011; 2014; BYRAM; 2009). O presente artigo propõe-se a revisitar a ideia de cultura, língua–cultura e interculturalidade e sua relação com a língua, ressaltando a atualidade desse tipo de reflexão para a área de aprendizagem de línguas. Assim, esse artigo tem por objetivo analisar se as atividades propostas em um curso de Português para migrantes internacionais podem proporcionar momentos de interculturalidade. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, insere-se no campo da Linguística Aplicada (LA). Por meio deste estudo, foi possível compreender que a interculturalidade pode ser vista como um convite à reflexão e às ações envolvidas com as diferenças, bem como a sensibilização de todos que fazem parte desse processo para um olhar mais atento e empático com o “outro”. Os dados foram coletados por meio de questionário. Os resultados das análises sugeriram indícios de momentos interculturais.

Palavras-chave:

Cultura. Língua–cultura. Interculturalidade.

ABSTRACT

Contemporaneous researches related to language learning support language learning full of cultural values. For this reason, several researches about intercultural issues were developed (BARBOSA 2009; 2015; KRAMSCH, 2009; MENDES, 2011; 2014; BYRAM; 2009). This article brings the concept of culture, language–culture and interculturality and how they are related to language learning. Thus, this article aims to analyze whether the activities proposed in a Portuguese course for international migrants can provide moments of interculturality. This research is situated in the field of Applied Linguistics. By this study, it was possible to understand that interculturality can be seen as an invitation to reflection and actions involved with the differences, as well as the awareness of those who are part of this process for a more attentive and empathetic look to the “other”. Data were collected through a questionnaire. The results of the analyzes suggest signs of interculturality.

Keywords:

Culture. Language–culture. Interculturality.

1. Introdução

A relação entre língua e cultura no processo de ensino e aprendizagem de línguas tem sido explorada em vários aspectos e tem trazido contribuições aos princípios de pesquisa em Linguística Aplicada, a pres-supô-la como uma área do conhecimento humano “preocupada em encaminhar soluções sistemáticas para questões reais do uso de linguagem no contexto social” (ALMEIDA FILHO, 2006, p. 23).

Dentre as várias alternativas de se pesquisar a linguagem humana, a cultura é uma perspectiva presente na pesquisa aplicada. A relação entre língua e cultura é tão inerente que não se pode falar de cultura sem mencionar a língua e o mesmo para o inverso. Nas palavras de Almeida Filho (2007):

Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. Aprender LE assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprender. (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 15)

A desestrangeirização apontada por Almeida Filho corrobora a importância das relações interculturais na aprendizagem de línguas, pois em contato com uma nova língua–cultura, construímos elos para interagir com o outro. É nessa interação que se coloca em foco o desenvolvimento de um falante intercultural, e que exige reflexão sobre o conceito de língua–cultura, pois a cultura está estritamente ligada à língua.

Considerando que um dos princípios gerais da interculturalidade seja sensibilizar os aprendizes ao respeito e à tolerância em relação às diferenças culturais, frutos de nacionalidades distintas, etnia, gênero, classe, cor, faixa etária, crenças, entre outros, este artigo se justifica por acreditarmos que as aulas para migrantes internacionais ofertadas por meio do Programa “UEMS Acolhe”¹²⁶ da UEMS, contemplam um espaço privilegiado para a desconstrução de possíveis visões etnocêntricas e estereotipadas embuscada compreensão e respeito igualitário a todos.

¹²⁶ Programa UEMS ACOLHE – Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes Internacionais é o resultado de uma série de ações de extensão desenvolvidas no âmbito da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul com a finalidade de atendimento diferenciado em diversas áreas do conhecimento. O Programa visa promover ações de extensão que possibilitem a inserção linguística, humanitária e educacional de migrantes internacionais, a partir, inicialmente, do oferecimento de cursos de extensão gratuitos de Português como Língua de Acolhimento.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois, parte do princípio de que há uma relação mútua entre o sujeito e o objeto e uma conexão intrínseca entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo, que são vertentes da pesquisa qualitativa. Respalda-mo-nos em Chizzotti (2003) quando destaca que neste tipo de investigação, o objeto não é um dado sem movimento e neutro; está tomado de significados e relações que sujeitos reais criam em suas ações. Assim, a presente pesquisa se volta à compreensão do comportamento humano a partir da perspectiva do próprio sujeito por buscar a compreensão de dados que não são passíveis de mensuração, uma vez que possui características subjetivas em relação às dinâmicas de interações interculturais no contexto do curso oferecido pelo Programa UEMS Acolhe.

Quanto aos instrumentos para a geração de dados, optamos pelo questionário. O questionário pode ser definido dentro dos parâmetros de “como uma técnica para a obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender os objetivos do seu estudo” (OLIVEIRA, 2007, p. 83). Dessa forma, para a coleta de dados criamos um grupo por meio do aplicativo *WhatsApp* e adicionamos os participantes deste estudo. A saber, optamos por analisar as respostas de três participantes que foram nomeadas para esse artigo como A1, A2 e A3.

Uma vez exposto o objetivo, a justificativa e a metodologia do presente artigo, passamos aos pressupostos teóricos que fundamentaram a análise desta pesquisa.

2. Cultura

A primeira definição formal de cultura foi concebida pelo antropólogo Edward Burnett Tylor, em 1871: “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem” (TYLOR, 1871 *apud* CASTRO, 2005, p. 69). Neste primeiro momento, o conceito de cultura definida por Tylor remetia à civilização a qual se partia de estágios da evolução humana, uma cultura se sobrepondo a outra.

No entanto, em meados do século XX, o conceito desenvolvido por Tylor sofreu várias críticas por parte dos estudiosos sobre cultura que o sucederam, principalmente, de Franz Boas. O referido autor, contrário ao conceito de Tylor destaca que não há diferença natural, biológica, en-

tre os povos; as diferenças são culturais, adquiridas ao longo da vida, não inatas. Boas, ainda nos traz a ideia de relativismo cultural. Seu cuidado não era apenas descrever fatos culturais, mas entendê-los inseridos em um conjunto de outros fatos relacionados aos seus contextos produzindo coerência, pois “não se pode analisar um traço cultural independentemente do sistema cultural ao qual ele pertence e que lhe dá sentido” (FRANZ BOAS *apud* CUCHE, 1999, p. 241). Boas também se preocupou em valorizar a dignidade de cada cultura, o respeito e a compreensão em relação às culturas diferentes:

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (FRANZ BOAS *apud* CUCHE, 1999, p. 45)

Cultura, neste caso, pode ser entendida como as experiências de mundo e práticas compartilhadas pelos sujeitos de uma comunidade, privilegiando ações construídas conjuntamente no cotidiano.

Dentre as várias concepções de cultura, para Geertz (1989), cultura é a própria condição de existência humana, produto das ações por um processo ininterrupto, no qual os indivíduos dão significados às suas ações. Significados esses que, segundo Hall (1997), possibilitam-nos interpretar ações alheias e, quando tomados em seu conjunto, formam as nossas culturas, garantem que toda ação social seja cultural, que as práticas sociais imersas de significado sejam práticas de significação.

Devido às transformações sociais, o conceito de cultura foi se resignificando e trazido para as salas de aulas. A cultura não deveria mais designar superioridade, pois é um fenômeno híbrido que se relaciona com as identidades individuais e sociais.

Nessa perspectiva, trazemos o entendimento de que cultura é um elemento ativo na vida do ser humano e manifesta-se nas ações mais corriqueiras na conduta do indivíduo. Ao conceber uma nova língua, a cultura precisa ser partilhada com os novos aprendizes para que haja a oportunidade de entrarem em contato com modos de ser e agir no mundo.

Ao expormos algumas concepções de cultura à luz da Antropologia, tentamos compreender como se deu o processo de resignificação do termo cultura sob a perspectiva de vivência humana e de como podemos considerar a cultura no processo de aprendizagem de línguas.

3. Língua-cultura

Quando refletimos sobre problemas voltados ao uso da linguagem e reconhecemos a língua como interação social, mencionar o papel da Linguística Aplicada e sua contribuição para o processo de aquisição de línguas estrangeiras é relacioná-la às práticas sociais inerentes à cultura.

Nessa perspectiva, Brown afirma não conceber o ensino de uma língua estrangeira sem o ensino de sua cultura. Segundo ele, “uma língua é parte de uma cultura e uma cultura é parte de uma língua; as duas estão tão intrinsicamente ligadas que não se pode separar as duas sem perder o significado tanto de uma quanto da outra” (BROWN, 1987, p. 123).

Corroborando Brown, Kramersch (2009) também propõe a conexão entre língua e cultura na educação. Segundo ela, a linguagem é o componente fundamental da cultura, pois é pela linguagem que as tradições da humanidade são transmitidas através das gerações. Desse modo, a língua se constitui e se desenvolve em relações histórico-sociais e culturais e se manifesta por meio das interações sociais.

Para a autora, o único modo de se construir uma educação intercultural, considerada por ela como um “terceiro lugar”, é capacitar os aprendizes a considerarem tanto a visão de si mesmo quanto a visão do outro em cultura nativa (C1) e em cultura estrangeira (C2).

Em consonância com o exposto, a língua é dinâmica e está relacionada ao modo como o indivíduo a percebe e constrói a sua visão de mundo a partir de experiências e vivências. Considerando as reflexões de Kramersch (2009), o aprendiz de uma nova língua tem a possibilidade de se posicionar respeitando as diferenças entre culturas, podendo ser capaz de estudar sobre a sua cultura e a do outro com o olhar mais crítico, mudando, assim, sua visão a respeito do outro e de si mesmo.

Para compreender outras línguas, a percepção do contexto no qual os falantes se inserem faz-se necessária. As palavras e as expressões só adquirem sentido dentro de um contexto mais amplo cuja experiência dos sujeitos é construída pela linguagem e não determinada por ela:

A língua passa a ser considerada não mais como um instrumento para a comunicação, mas como um depósito da cultura da qual ela é representante. Essa aliança entre língua e cultura vincula o ensino aprendizagem de uma língua estrangeira às experiências significativas vividas e adquiridas no cotidiano, levando em consideração as interações sociais a que um aprendente é exposto, sobretudo quando se está em situação de imersão. (BARBOSA, 2009, p. 40)

As reflexões trazidas pela autora indicam que os aprendizes de uma nova língua concebem a realidade a sua volta de maneiras diferentes e usam a linguagem para estruturar essa realidade, a língua, nesse caso, é adaptada às necessidades sociais dos falantes, que estão inseridos em um contexto conduzido por normas socioculturais.

Após expormos a indissociabilidade entre língua e cultura, passamos a discorrer sobre interculturalidade e sua importância para a aprendizagem de uma nova língua-cultura.

4. Interculturalidade

A interculturalidade remete ao princípio fundamental de que as culturas se igualam em dignidade e respeito. Não estamos nos referindo, em termos didáticos, a dar àquele que aprende uma língua-cultura as competências culturais e linguísticas do nativo, pois a aprendizagem de outro idioma e a aquisição da competência de comunicação são resultados de um processo de socialização que leva em consideração a aquisição da própria língua e cultura do aprendiz.

Apesar da diversidade étnica e racial intrínseca à sociedade brasileira, abordagens interculturais na educação básica surgiram somente há cerca de 20 anos. Iniciativas pedagógicas buscaram incorporar a diversidade cultural nos sistemas educacionais a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No entanto, restringimo-nos, neste artigo, às reflexões sobre aspectos culturais e interculturais apenas na aprendizagem de português para falantes de outras línguas. Consideramos, assim, os conceitos de interculturalidade retomando pesquisas de Almeida Filho (2006), Barbosa (2015) e Mendes (2004).

Almeida Filho destaca que o termo intercultural “implica a noção de reciprocidade de viver (mesmo que temporariamente) na esfera cultural do outro e simultaneamente ter o outro confortavelmente na nossa esfera cultural” (ALMEIDA FILHO, 2006, p. 211). Para o autor, a interculturalidade é uma ação integradora entre falantes de diferentes línguas-culturas para construir novos significados, sempre sensibilizados para o respeito às diferenças e às diversidades culturais ao nos colocamos no lugar do outro.

Para Barbosa (2015, p. 223), o conceito de interculturalidade indica possibilidades de proximidade entre língua e cultura, uma vez que “o aprendiz participa ao mesmo tempo em que reflete sobre sua cul-

tura de origem e sobre a cultura da qual quer fazer parte”.

Mendes (2004) considera como interculturais ações, atitudes ou práticas que estimulem os aprendizes a valorizarem o respeito ao outro, bem como as diferenças e a diversidade cultural, construindo assim, novos significados por meio da interação entre suas experiências oriundas da cooperação e integração de mundos culturais diferentes.

Desse modo, a interculturalidade só acontece quando as duas partes agem reciprocamente: de um lado, o nativo que compreende e reconhece a diversidade cultural daquele que migra; de outro lado, aquele que chega e que reflete sobre sua cultura ao mesmo tempo em que assimila elementos da cultura-alvo.

Todavia, em nossa sociedade contemporânea, os princípios da individualidade e da universalidade, o reconhecimento do “outro” como diferente, a aceitação de sua alteridade e o questionamento sobre sua visão do mundo e das suas referências culturais são elementos/ comportamentos sociais que podem gerar conflitos e tensões. A alteridade e o “outro” podem ser concebidas como alguém que desestabiliza e ocasiona a desintegração da cultura dominante.

À vista disso, o encontro intercultural e a convivência com a diversidade cultural são motivados por representações sociais, estereótipos, preconceitos, prestígios culturais e ideologias políticas. Esses princípios atuam na aceitação ou na discriminação das diferenças, na anulação ou no reconhecimento da identidade do “outro” e da sua alteridade e nos conflitos decorrentes das relações interculturais entre maiorias e minorias sociais, também, entre nacionais e imigrantes.

Dessa forma, aprender a gerir a diversidade cultural estabelece um enriquecimento e uma necessidade das sociedades atuais e futuras para antecipar-se aos conflitos, especialmente os interculturais para motivar os diálogos para a afirmação das identidades e dos direitos fundamentais de todos, como o de participação e cidadania.

5. Análise

O questionário envolveu perguntas que trouxeram reflexões sobre a vivência com a língua portuguesa durante o curso. Era esperado que os alunos refletissem sobre o processo de aquisição da língua-alvo de maneira geral para, em seguida, focar em questões mais específicas confor-

me os objetivos dessa pesquisa. As questões foram abertas, na expectativa que os alunos identificassem, conforme suas experiências pessoais e sociais, elementos culturais relevantes sobre sua cultura e a cultura-alvo para o desenvolvimento das interações interculturais.

Nessa perspectiva, o processo de aprendizado da língua-alvo é, muitas vezes, mediado por demandas urgentes da realidade, ou seja, tem um cunho pragmático. Assim, aulas elencando aspectos culturais por meio do cotidiano e da expressão da realidade são fundamentais, pois ao se depararem com roteiros culturais típicos das interações da cultura-alvo, os alunos têm mais chances de se significarem por meio da língua.

Desse modo, foram utilizados materiais autênticos de diferentes gêneros textuais, letras musicais, cardápios, notícias de jornal, panfletos, tirinhas, *charges*, expressões, poesia, receitas, artigos de revistas e comerciais, visando à preocupação com o convívio social e a formação cultural dos aprendizes. Para compreender se as atividades propostas no curso apontaram, ao menos, indícios de interculturalidade, elaboramos questões, abaixo apresentadas com suas respectivas respostas:

Quadro 1: Momentos interculturais durante as aulas.

1) Dentre as temáticas trabalhadas: família, expressões idiomáticas/variedades linguísticas e diversidade cultural, qual é a mais utilizada no seu?	2) Em alguma atividade, ou em algum momento do curso, você utilizou informações da sua cultura nativa para comparar ou compreender a brasileira? Justifique sua resposta.	3) Você acredita que para aprender a Língua Portuguesa é necessário compreender, também, um pouco da cultura brasileira? Justifique sua resposta.
A1: Gostei das Expressões idiomáticas. “Encher o saco” eu uso agora (risos) e eu não entendia que as pessoas diziam com “Quebrar um galho”. Ouço bastante, mas não uso.	A1: Sim, fizemos comparações da gastronomia da nossa cultura nativa e as diferentes maneiras da fala das pessoas de acordo com sua região.	A1: Certeza absoluta. A interação ajuda a pegar a língua informalmente, ter conhecimento direcionado no curso dá uma visão muito maior de todo o contexto, portanto melhor desenvolvimento de nós entre os brasileiros.
A2: Desfrutei muito aquela das expressões idiomáticas porque foi muito diferente. Não diferente por ter outro jeito de aula, diferente porque foi menos conhecido para mim e foi interessante conhecer	A2: Sim, é importante comparar e ver as semelhanças e diferenças entre culturas e países. Isso enriquece os conhecimentos e ajuda a amar onde se está.	A2: Sim, porque sua língua não é só escrita e falada, as palavras têm significados que só se compreendem conhecendo a cultura.

<p>tudo novo. Também foi até divertido ver o vídeo e compartilhar falando dele.</p>		
<p>A3: Aprendi a falar com aquelas expressões idiomáticas que vocês falam e que eu não conhecia. Porque tem muitas coisas que são diferentes para nós. Eu digo assim, eu gostei muito porque no meu dia sempre escuto pessoas brasileiras falando as expressões, eu não compreendia, mas graças a vocês e aos seus ensinamentos passei a compreender. A cada vez que me falavam eu confundia, mas, agora sei diferenciar essas expressões idiomáticas.</p>	<p>A3: Sim, na aula de sotaques, que tem algumas palavras muito parecidas, mas que podem significar o mesmo ou outra coisa.</p>	<p>A3: Sim, acho que são duas coisas que ficam juntas, então, não pode separar, a gente faz a língua.</p>

Fonte: Martins e Silva (2021)

A fala dos participantes na questão 1 apresentam marcas de segurança logo após a aula sobre o tema “Expressões Idiomáticas”. São significados que passam a fazer parte dos dias dos participantes, que antes traziam desentendimentos por desconhecerem aspectos extralinguísticos da língua–cultura. Ao ressaltarem que sabem diferenciar as expressões, eles passam a entender a língua de forma mais natural, sentem-se inseridos ao meio social do qual fazem parte.

Ainda, ao falarem que fazem uso de algumas expressões, os participantes demonstram uma aprendizagem semântica e pragmática da língua–cultura. É possível notar alguns sinais de interculturalidade nas falas analisadas, pois além de compreenderem as expressões que representam a identidade do brasileiro, eles conseguem estabelecer uma comunicação que os levam à reflexão sobre aspectos culturais da língua.

Ao analisarmos as respostas dos participantes na questão 2, entendemos que a valorização das culturas durante as aulas pode proporcionar momentos de interculturalidade, pois os participantes são capazes de considerar tanto a visão de si mesmo quanto a visão do outro na sua cultura nativa e na cultura-alvo.

Os participantes entendem que comparar as culturas é crucial para enriquecer seus conhecimentos. Momentos interculturais, nesse caso, acontecem no momento em que as diferenças e as diversidades são respeitadas ao mesmo tempo em que vivenciam suas experiências, refletem sobre suas culturas de origem e sobre a cultura na qual estão inseridos.

Na questão três, os participantes apontam que não há como separar língua e cultura, pois a interação por meio da cultura brasileira contribui para o conhecimento informal da língua, ou seja, seu uso no cotidiano e, o curso, ao proporcionar o ensino de língua-cultura favorece uma visão maior de todo o contexto.

Ainda, trouxeram a importância de aprender aspectos pragmáticos da língua portuguesa. Aprender apenas os aspectos linguísticos é insuficiente para que haja um entendimento completo da língua. Desse modo, a carga cultural compartilhada no léxico facilita a aprendizagem da nova língua-cultura e coloca o foco no significado e não na forma.

6. Considerações

Com base no arcabouço teórico sobre cultura, língua-cultura e interculturalidade e suas implicações para a aprendizagem de uma nova língua, percebemos que o curso ofertado aos participantes da pesquisa proporcionou indícios de interculturalidade devido às demandas urgentes por conteúdos que fazem parte de seus cotidianos, à valorização da cultura do outro e à aprendizagem da nova língua voltada à cultura.

Ao falar da história, das práticas, dos hábitos, das festas e das atividades cotidianas de culturas diferentes, percebemos uma oportunidade na qual os alunos possam aprofundar suas competências em português por meio da comunicação e do entendimento da cultura-alvo.

Ainda, compreendemos que apenas os aspectos linguísticos de uma língua não são suficientes para uma comunicação efetiva. Os aspectos sociolinguísticos precisam ser considerados e valorizados para que haja espaço para a interculturalidade acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In:

CUNHA, J.C.; SANTOS, P. *Tópicos em português língua estrangeira*. UNB. Brasília, 2006. p. 23.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de língua*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.p.15.

BROWN, H. Douglas. *Principles of Language Learning and Teaching*. Second Edition. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1987.

BARBOSA, Lúcia Maria Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino–aprendizagem de Português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2009.

_____. *Procedimentos interculturais e diversidade étnico-racial do Brasil em dois livros didáticos de Português para Estrangeiros. Entre-Línguas*, v. 1, n. 2, p. 223-6, Araraquara, jul./dez. 2015.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios*. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 16, n. 2, Universidade de Minho: Braga, 2003.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALL, Stuart. *Identidade cultural*. São Paulo: Memorial da América Latina, 1997.

KRAMSCH, Claire. Cultural perspectives on language learning and teaching. In: KNAPP, K.; SEIDLHOFER, B. (Eds). *Handbook of foreign language communication and learning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

MENDES, Edleise. *Abordagem comunicativa intercultural: uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 2004. 316fls.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: Castro, C. (Org.) *Evolucionismo Cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 67-100